

## PERCURSOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA COM JOVENS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.

Maria Alda de Sousa Alves<sup>1</sup>

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)*

E-mail: [aldasousaalves@gmail.com](mailto:aldasousaalves@gmail.com)

**Resumo do artigo:** Neste trabalho intento compartilhar percursos metodológicos trilhados em pesquisa de doutorado em sociologia realizada com jovens alunos do ensino médio profissionalizante e regular de duas escolas públicas de Fortaleza- Ce. Através de observações diretas, análises de perfis, conversas em grupo, entrevistas individuais e notas etnográficas de campo, bem como por meio do registro da trajetória de escolarização de dois jovens interlocutores, busquei analisar aspectos relativos às suas configurações familiares, lugar social, percepções sobre a escola, o ENEM, o estágio ao final do ensino médio profissionalizante, a fruição do tempo e os deslocamentos pela cidade. De modo geral, a pesquisa revelou que, para os jovens interlocutores do ensino médio regular, a escola profissionalizante significa somente à formação de nível técnico a jovens filhos de trabalhadores, de modo que estes estejam mais “qualificados” para o desempenho de funções no mundo do trabalho. Já para os interlocutores privilegiados da escola profissionalizante este tipo de ensino é entendido como uma “oportunidade” a mais em relação aos jovens do ensino médio regular, uma vez que podem estudar pela manhã e fazer um curso técnico à tarde. Pode-se dizer que as trajetórias de escolarização dos jovens e horizontes profissionais são diversificadas, sendo seu sucesso ou fracasso condicionado, em grande parte, por seus campos de possibilidades (Velho, 1994) e influências extra-familiares (Lahire, 1995, 2012).

**Palavras-chave:** Juventudes, Trajetórias, Projetos de vida, Transições, Ensino Médio.

### 1.INTRODUÇÃO

Neste artigo, ressalto percursos metodológicos de pesquisa a partir da análise de perfis de jovens alunos do ensino médio profissionalizante e regular e da trajetória de escolarização de Lycia, interlocutora privilegiada neste trabalho de pesquisa. O intuito é compreender as articulações existentes entre experiências escolares, projetos de futuro e transições para a vida adulta. Busco neste trabalho um diálogo entre singularidade e generalidade, tendo em conta que nisto reside um problema central quando se busca construir

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com a pesquisa *Juventudes e ensino médio: transições, trajetórias e projetos de futuro*, concluída em 2016. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Glória Maria dos Santos Diógenes (UFC). Integra o Laboratório das Juventudes da Universidade Federal do Ceará (LAJUS/UFC).

um objeto de estudo, qual seja o de passar da linguagem das variáveis à descrição sociologicamente construída das configurações sociais.

O desafio sociológico reside numa reflexão baseada no entrecruzamento de dados quantitativos e qualitativos. Como compreender casos singulares, específicos, portanto microssociológicos, sem perder de vista os aspectos macrossociológicos, objetivos, na construção do conhecimento científico? Busquei tal intento, nesta pesquisa de doutorado, por meio da análise de 75 perfis juvenis, além do acompanhamento de duas trajetórias individuais de jovens alunos do ensino médio profissionalizante e regular, realizadas através de entrevistas individuais. Tal escolha buscou uma aproximação com o que Lahire (1995) denomina o quadro de “antropologia da interdependência”, ou seja, estudar uma série de questões a partir de um diálogo entre singularidade/generalidade; visão etnográfica/visão estatística; microssociologia/macrossociologia; estruturas cognitivas individuais/estruturas objetivas a respeito de um objeto singular e limitado. Como é o qualquer objeto de estudo nas ciências humanas, a aqui incluo as transições juvenis experimentadas no ensino médio.

Seguindo esta linha, e dialogando com aspectos objetivos e subjetivos na construção do saber científico, apresento a seguir análises provenientes dos perfis de jovens inseridos no ensino médio regular e profissionalizante para posteriormente pôr em destaque a trajetória de escolarização de uma jovem aluna do ensino médio profissionalizante. A escolha das trajetórias dos jovens interlocutores desta pesquisa partiu de observações e registros feitos no decorrer da pesquisa de campo, mais especificamente a partir estudos exploratórios realizados por meio de conversas grupais com turmas de jovens do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio. Priorizei dois jovens de cada escola pesquisada, considerando num primeiro momento aqueles que mostraram – se mais comunicativos, e com percepções diferentes em relação à escola, sendo um jovem do sexo masculino e uma jovem do sexo feminino.

## **2. Notas sobre a escola de ensino médio profissionalizante.**

Baseando-se em questionário aplicado junto a uma turma de 38 jovens matriculados no 2º ano ensino médio do curso de logística<sup>2</sup>, uma mostra dentro de um universo mais amplo, os perfis revelaram, de modo geral, uma preocupação maior do jovem estudante do ensino profissionalizante no que se refere à conciliação entre o ingresso na universidade e a inserção

---

<sup>2</sup> Escola de Ensino Médio Profissionalizante Paulo VI, localizada no bairro Jardim América, em Fortaleza.

no mercado de trabalho. A maior parte das respostas abertas obtidas por meio do questionário mostraram que estes jovens expressam o desejo de fazer uma faculdade após a conclusão do ensino médio, citando cursos como Direito, Marketing, Contabilidade, Administração, Engenharia civil, Engenharia de produção mecânica, Educação física, Logística em nível superior. As exceções são pontuais, sendo observadas em respostas como as de Dant que “*pretende ser desenhista de armas brancas e de fogo*”, e Fábio que pretende seguir carreira militar. Há casos também de indecisão quanto a que rumo tomar após a saída da escola. Arelado a isso, encontramos respostas que remetem ao desejo de também estar inserido no mundo do trabalho após o 3º ano. Por diversas vezes são citadas a questão do estágio no ensino médio como um motivador para a escolha de estar estudando numa escola de ensino profissionalizante.<sup>3</sup> Afirmações como “*dependendo da empresa em que eu estagiar pretendo continuar na empresa e cursar paralelo ao trabalho uma universidade*” (...), “*queria sair do ensino médio com um curso técnico, com alguma profissão,*” “*é uma escola que oferece um ensino diferenciado, que sai com estágio*”, “*não queria fazer somente o ensino médio, queria algo mais para minha vida por isso busquei o curso de logística*”, são bem ilustrativas nesse sentido.

Algo que chama atenção e merece uma melhor discussão é a dimensão do tempo nas escolas de ensino profissionalizante. Por se tratarem de estabelecimentos que funcionam em tempo integral, elas trazem mudanças nas formas de sociabilidade entre os atores escolares. A presença do grupo, professores e gestores da escola torna-se muito mais frequente do que o contexto familiar. Os perfis revelam que, para maior parte dos jovens, o fato de estarem usufruindo de dois turnos numa escola pública é algo positivo, sendo inclusive um dos motivos que os levaram a optar pelo ensino profissionalizante, embora para eles seja difícil o processo de adaptação. Lidando-se com um contexto de fruição de um tempo integral de escolarização, cabe a reflexão: como o tempo se constitui nas trajetórias de vida e escolarização dos jovens e em seus processos de transição?

A escola de tempo integral, nos depoimentos colhidos nesta pesquisa, é descrita como espaço onde se é exigido uma dedicação exclusiva do aluno. Seu cotidiano é completamente modificado, tendo em vista que antes de ingressarem no ensino profissionalizante, de tempo integral, este jovem experimentava apenas parte de seu tempo na instituição escolar, uma

---

<sup>3</sup> Ao 3º ano do ensino médio profissionalizante os alunos devem cursar o Estágio Curricular obrigatório e remunerado.

manhã ou tarde, e na outra parte do dia encontrava-se sob a responsabilidade da família, em casa, dormindo ou se ocupando com outras atividades no âmbito doméstico. Agora a fruição de seu tempo é demasiadamente distinta. Ouvi de um dos jovens que na escola de ensino profissionalizante “só não tem aula se cair uma bomba e ‘papocar’<sup>4</sup> tudo”, ou seja, a gestão procura sempre um modo de mantê-los ocupados, seja em atividades em sala de aula ou em atividades extracurriculares. Uma parte dos jovens está envolvida em projetos escolares, seja como monitores de matérias, ou projetos ligados à inclusão digital e a cultura. Vemos nos seus relatos que, em princípio, o processo de adaptação à escola é muito difícil, “no começo eu não tinha vida”, “achei puxado<sup>5</sup>”, foram frases observadas nas falas de dois jovens.

O tempo do lazer, ou seja, da diversão, é usufruído apenas em “pedaços” da noite e nos fins de semana, seja para jogar vídeo game, bola, namorar, andar de *skate*, sair com os amigos, caminhar ou participar de projetos sociais da igreja. É também um tempo onde se há possibilidade de maior sociabilidade com a família, que na maior parte do dia encontra-se no trabalho.

A educação e o trabalho, no caso a partir do estágio supervisionado nas empresas, aparecem como dimensões fundamentais no processo de transições destes jovens para a vida adulta, embora tal transição possa ocorrer de forma precoce. Sobre isso, observa Laranjeira, Iriart e Rodrigues (2016) que as transições juvenis tendem a demarcar momentos de ruptura e reconstrução de novos significados, assunção de novos papéis sociais e posições identitárias, como é o caso da saída do ensino médio para o mundo do trabalho. As rupturas decorrentes deste processo de transições tendem a exigir a negociação de valores, sentidos e crenças.

## **2.1 Percepções dos jovens sobre a escola de ensino médio regular.**

Baseando-me em respostas obtidas por 37 jovens estudantes de 1º e 3º anos da escola de ensino médio regular<sup>6</sup>, através do mesmo instrumental aplicado a uma turma de 2º ano da escola de ensino médio profissionalizante, enfatizo algumas percepções dos jovens do ensino médio regular acerca da escola e de seus projetos de futuro.

---

<sup>4</sup> Papocar é um termo nativo usado pelos jovens que remete a ideia de acabar.

<sup>5</sup> Puxado quer dizer difícil.

<sup>6</sup> Escola de ensino médio Castelo Branco, localizada no bairro Itaoca, em Fortaleza.

Os perfis de jovens da escola de ensino médio regular diferem em poucos aspectos em relação aos perfis dos jovens da escola de ensino profissionalizante, sobretudo em termos de dados mais objetivos, como relação idade/série, escolaridade e ocupação dos pais, lugar social. Entretanto, interessa aqui pontuar diferenças percebidas por meio das perguntas abertas contidas no questionário.

Observa-se certo grau de incerteza em relação a que escolhas fazer após a conclusão do ensino médio, qual profissão seguir. Embora a dimensão do trabalho esteja também presente na maioria das respostas dos jovens, ela não aparece como único projeto após a conclusão do ensino médio. É o que podemos constatar em respostas como a de Cléo: *“Acho que trabalhar logo após ‘terminar’ a escola me limitaria de continuar estudando”*. E a de Bruno que após a conclusão do 3º ano deseja *“cursar educação física e fazer especialização em preparação de atletas”*.

Parte das respostas obtidas por meio de perguntas abertas, tais como: *“O que você pretende fazer após a conclusão do ensino médio?”* Revelaram que os jovens têm o desejo de continuar os estudos e ter uma profissão, embora em algumas dessas respostas prevaleça uma alusão ao que se é instituído socialmente como profissões de prestígio, expresso, por exemplo, em querer ser advogado ou médico. De outro modo, escutando suas falas e observando seus comportamentos<sup>7</sup>, se constata entre parte dos jovens pesquisados visíveis incertezas em relação ao futuro e as escolhas profissionais.

Todavia, na maior parte das respostas obtidas por meio de perguntas abertas do questionário, do tipo: *Como você vê sua escola?* A escola é percebida de forma positiva, tida como espaço de oportunidades, convivência, estímulo ao ENEM e exercício de cidadania. Além disso, por se tratar de uma escola regular cuja localização está numa região próxima ao centro da cidade, é vista por alguns alunos que moram em regiões periféricas de Fortaleza como de melhor desempenho. Tal é o caso de Silvia e Cléo que moram no bairro Jardim Jatobá e Bom Jardim, respectivamente. A primeira considera o ensino das escolas do seu bairro *“muito baixo”*, enquanto o segundo acha as escolas do bairro precárias, não despertando o interesse em estudar.

A percepção destes interlocutores revela algo que, de fato, ocorre em relação à distribuição de recursos financeiros as escolas por parte da secretaria de educação. Isto é,

---

<sup>7</sup>Ressalto Cardoso (1986) quando nos diz que *“uma espécie de mergulho no fundo do outro é condição para o conhecimento, mas que, entretanto, deve ser completado pela observação dos comportamentos e de sua recorrência”* (CARDOSO, 1986, p. 100)



quanto melhor o desempenho dos alunos em exames como SPAECE<sup>8</sup> e outros, maior o repasse de recursos do Estado. O problema reside no fato de que os baixos índices de desempenho escolar obtidos em escolas localizadas em territórios de maior vulnerabilidade social e baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), tendem a se perpetuar com este modelo de política educacional, reforçando o fracasso escolar de jovens pobres. Não há, portanto, homogeneidade no sistema público de ensino médio do Ceará. Pelo contrário, o que existe é uma heterogeneidade marcante e cruel (HAGUETTE; PESSOA, 2015), que justifica resultados divergentes nos exames do ENEM.

### 3. Trajetórias de escolarização de jovens: “eu sou técnico em logística!”

*Para passar da linguagem das variáveis à descrição sociologicamente construída das configurações sociais, é necessário uma conversão consciente do olhar sociológico (LAHIRE, 1995, p. 31).*

Seguindo a perspectiva de Lahire (1995) esta conversão do olhar sociológico é consciente. Os casos singulares registrados nesta pesquisa partem da subjetividade dos sujeitos, de suas histórias e trajetórias, sem perder de vista às suas condições objetivas de desenvolvimento e o que é comum aos indivíduos em face de seus contextos sócio-culturais. Parto, portanto, de singularidades, buscando a compreensão de generalidades.

É assim que intento pôr em destaque a narrativa da jovem Lycia e suas percepções sobre o ser aluna de uma escola de ensino médio profissionalizante. A própria exclamação “Eu sou técnico em logística!” expressa uma forma de identificação social pelo trabalho, algo mencionado pela interlocutora no sentido da criação de oportunidades aos estudantes do ensino profissionalizante em detrimento daquelas oferecidas aos estudantes do ensino médio regular.

A entrevista realizada com uma jovem aluna do ensino médio profissionalizante traz minha opção por perscrutar inicialmente suas memórias de infância. Considero, conforme Kofes (2001, p.12), que a memória se constrói no jogo entre lembranças e esquecimentos e, no plano dos agentes, no embate entre o que é lembrado e o que é esquecido, entre o narrável e o inarrável. Mais: a experiência de um sujeito preciso não escapa das concretudes socioculturais que tensamente o realizam enquanto pessoa (KOFES, 2001, p.13).

---

<sup>8</sup> O Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE) é a principal avaliação externa do estado, cabendo a todas as escolas da rede pública cearense realiza-lo a cada ano.

Poderemos observar, na narrativa de Lycia, uma memória de infância atrelada inicialmente a casa e o bairro onde permaneceu até os seis anos de idade.

As figuras femininas como a avó e a mãe são significativas em sua fala, bem como sua própria percepção do tempo em que era criança e as lembranças daí decorrentes.

A minha infância foi aqui no Montese. Eu morava aqui no Jardim América, e foi pouco tempo. Eu nasci aqui, fiquei até uns quatro, cinco anos, e me mudei pro Castelão, que até hoje estou. Aqui eu era muito trancada, digamos assim eu não tinha muita liberdade pra sair pra brincar em praça, né, eu não tinha muitos amigos. Aí é tanto que eu não comecei a estudar aqui, eu comecei a estudar lá. É assim lá em casa é eu, minha vó, meu pai, minha mãe e meu irmão. A minha vó não é a minha avó verdadeira, ela adotou a minha mãe, mas na verdade ela é tia da minha mãe. (...). Aí eu fiz aquele famoso maternal, fiz só um ano de maternal numa escola. Aí do jardim até a primeira série eu fiz em outra escola, né, que é onde eu tive vários problemas porque lá mudava muito de professor e direção e o conteúdo que eu assimilava ficava meio complicado de entender. Foi até lá que eu conheci minha melhor amiga, até hoje a gente é amiga, faz treze anos que a gente é amiga, eu não sei como aguentei ela, mas tudo bem. A mãe dela não apoia escola profissional. Acha que escola pública é escola pra vagabundo, mas tudo bem. Aí eu me mudei pra uma escola maior, tipo assim, não é como um Farias Brito, é o Maria Ester não sei se você conhece. Eu fui pra lá e passei até o nono ano lá (...). Aí em 2003 meu irmão nasceu, também foi o choque muito grande porque era tudo pra mim, era atenção pra mim e aí quando chegou logo um menino (...). Mas a gente é bem amigo, entendeu. A gente é junto mais até o pessoal acha que eu sou adotada porque eu sou branca, loira, e ele é um “negão.” Ele é bem moreno, bem moreno mesmo. Aí o pessoal fica dizendo “Ah, tú é adotada!”. Mas os meus pais também são morenos, a minha mãe é morena, o meu pai é moreno, só a minha bisavó que era loira, fui buscar longe, loira dos olhos claros (Entrevista Lycia, escola de ensino médio profissionalizante).

A jovem relata que parte de sua infância foi vivida no Montese, onde permaneceu até os cinco anos de idade, indo morar em seguida no bairro Passaré, próximo as mediações do Castelão. Vemos que sua constituição familiar é caracterizada pela avó, mãe, pai, e um irmão mais novo. Sua trajetória de escolarização é iniciada na educação infantil, no chamado “maternal”, tendo passado por duas escolas, chegando a uma escola privada de médio porte, onde cursou até o fim do ensino fundamental. Interessante destacar a questão racial evocada no relato da interlocutora. Narra a jovem que algumas pessoas pensam ser ela adotada, uma vez que tanto seus pais, como seu irmão, tem uma cor ‘morena’ enquanto ela é branca dos olhos claros (verdes), descendência de sua bisavó.

No que se refere à trajetória de escolarização dos pais em relação à trajetória de escolarização dos filhos das classes populares estudantes do ensino médio, percebemos que entre a maior parte dos jovens pesquisados estes superaram seus pais ao alcançarem maior tempo de estudo. Tal é o caso da interlocutora entrevistada. Em seu relato Lycia se define como uma aluna esforçada, com boas notas, sendo inclusive acompanhada e cobrada pela família, algo que no universo de vida dos jovens estudantes de escolas públicas não é muito recorrente.

Eu sempre fui aquela aluna esforçada que tira nota boa. A *nerd* da sala, pronto. Eu era gordinha, eu usava óculos, eu ainda uso aparelho, mas eu usava aparelho aquele capacete, já viu? Que era horrível e diziam a Lycia é a *nerd*. Só me procuravam pra tirar dúvida, pra explicar a matéria. Eu tinha poucos amigos, eu não vou mentir, eu tinha uns quatro, uns cinco. Aí eu fui evoluindo. Eu não deixei de ser, digamos, uma aluna boa, de tirar notas boas, até porque meu pai e minha mãe cobra. Tipo a média do Paulo VI é seis, mas a média lá de casa é oito. Se eu tirar um sete ou um seis eu fico de castigo, eles tomam meu celular, eles fazem qualquer coisa até hoje. E aí assim eu sempre fui muito cobrada nesse aspecto. Então eu era vista como a aluna *nerd*. Só que de uns tempos pra cá não, tipo do meu oitavo ano pra cá, quando eu comecei a me socializar mais, porque eu era muito calada, muito tímida e aqui no Paulo VI foi onde eu *desarnei* completamente. Eu já fui líder de sala, da minha sala do ano passado e eu converso com todo mundo, eu brinco com todo mundo. A minha turma hoje é uma família, porque primeiro passo nove horas aqui. É o dia inteiro, de segunda a sexta, ainda tem o sábado de manhã pra organizar alguma coisa, ou pra treinar alguma coisa, então a gente vive como uma família (...). Eu sou melhor nas exatas, matemática, física, mas tem umas que eu sei só pra mim, que eu não sei explicar. Matemática eu sei pra explicar, física também. Agora história eu não sei pra explicar, eu sei pra mim (...). Lá no Maria Ester eu estudava de manhã porque eu achava a tarde quente. Eu aprendi a dormir à tarde. Eu chegava do colégio, tomava banho e dormia. Dormia até às cinco da tarde e ia estudar a noite. Era melhor porque eu tinha a tarde e a noite inteira pra fazer tarefa, trabalho, estudar pra prova, e quando eu entrei aqui no Paulo VI a gente fica o dia todo já é uma preparação pro trabalho. Passa o dia todo no trabalho, né? Cê entra sete, oito horas da manhã no seu trabalho e você sai o quê cinco, seis horas. Aqui também é como se fosse uma simulação, né, do trabalho. Aí quando eu disse: Caramba, é tempo integral, ou seja, à tarde eu já não vou poder mais dormir, eu digo vai ser ruim. No começo, na primeira semana é horrível. Dá sono, cansaço e tal. Mas você vai se acostumando. Foi uma coisa boa porque eu aprendi a trabalhar os dois períodos, a ser 100% nos dois períodos, claro que quando chega o final da tarde eu tô morta, mas você aprende, coisa que eu não aprendi lá no outro colégio regular. (Entrevista Lycia, escola de ensino médio profissionalizante).

Observando a imagem que Lycia projeta de si, chama a atenção o fato de que em parte de sua trajetória de escolarização, ou seja, até o final do ensino fundamental, ela era uma aluna de personalidade introvertida, cuja socialização com o grupo de pares ficava restrita a poucos amigos. No início do ensino médio, com a experimentação de vivências em uma



escola de tempo integral é que a jovem “desarna,”<sup>9</sup> como expresso em sua fala. Novamente é a dimensão do tempo que traz modificações nas práticas cotidianas dos jovens. Anteriormente Lycia via-se diante de uma escola regular cujo tempo exigido era de meio período, possibilitando-lhe organizar sua rotina de vida entre a escola e a casa, isto é, entre a esfera pública e privada. A partir de sua inserção na escola de ensino médio profissionalizante esta rotina é completamente modificada. Pode-se afirmar que, na sociedade contemporânea, as trajetórias juvenis não são necessariamente lineares, tampouco a percepção do tempo.

Conforme Cavaliere (2007) a organização social do tempo é um elemento que reflete e constitui as formas sociais mais amplas de uma dada sociedade. O tempo de escola, por exemplo, representa uma das referências mais significativas na vida de crianças e adolescentes, sendo um dos pilares nas sociedades contemporâneas para a organização da vida em família e da sociedade em geral. Destaca a autora que durante o século XX o tempo de escola na sociedade brasileira passou por lentas mudanças em sua definição, tornando-se um tempo harmonizado com um novo tempo social baseado na cultura urbana. A dinâmica do mundo urbano trouxe como exigência a escolarização das massas, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a eliminação do trabalho infantil e a regulamentação das relações de trabalho.

É neste sentido que miramos no relato da jovem interlocutora uma clara percepção de que a pedagogia explícita no ensino profissionalizante trata, em verdade, de uma simulação para o mundo do trabalho, o qual requer do jovem com pouca qualificação a ocupação do seu tempo em média oito horas por dia. Mas como conciliar a continuidade nos estudos em meio a uma atividade laboral de tempo integral? Para os jovens dos meios populares, após a conclusão do ensino médio, tem maior significância o ingresso na faculdade ou no mercado de trabalho? Quais sentidos de transição atribuem a esta etapa de escolarização? Vejamos o que nos revela a narrativa de Lycia:

Meus planos é ser efetivada na empresa pós-estágio e conseguir pagar minha faculdade se eu não passar em uma das públicas. Mas pra mim o mais importante é a faculdade. Se eu puder fazer faculdade e trabalhar pra mim é show de bola. Ser efetivada na empresa também é show de bola. Então o meu foco primeiro é passar na faculdade, depois vem o trabalho. Mas é claro que os dois porque pra mim os dois andam juntos, mas é claro que a faculdade tem uma importanciazinha maior. Se eu passasse na faculdade, em Administração na UFC, e o trabalho coincidissem com as cadeiras da faculdade eu pediria demissão (Entrevista Lycia, escola de ensino médio profissionalizante).

---

<sup>9</sup>Expressão coloquial que remete a ideia de desenvolver, crescer.

A interlocutora, ao projetar o futuro, menciona o desejo de conciliar o trabalho ao estudo, atribuindo maior importância ao ingresso na faculdade após o término da educação básica.

Lycia almeja cursar Administração e não descarta a possibilidade de concomitantemente estudar e trabalhar, caso surja oportunidade no decorrer do estágio realizado ao 3º ano do ensino médio. O dilema em que ela e tantos outros jovens inseridos no ensino profissionalizante se deparam é que ao final do ensino médio, momento em que precisam dedicar um período do dia nas atividades do estágio curricular obrigatório, precisam também de mais tempo para se dedicarem as provas do ENEM, exame que permite a transição da escola para a universidade.

Neste sentido, se para alguns jovens dos meios populares é viável a conciliação entre estudo e trabalho, para outros a coexistência dessas duas esferas não se dá sem conflitos, sendo estes decisivos para o abandono precoce da escola. Isso porque, conforme nos lembra Dayrell (2013), a juventude brasileira não pode ser caracterizada pela moratória em relação ao trabalho, como ocorre em países europeus. Muito pelo contrário, para parte significativa dos jovens a condição juvenil é experimentada porque trabalham, o que lhes possibilita um mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou consumo (DAYRELL, 2013, p. 87).

#### **4. Considerações finais**

Voltando-nos a uma perspectiva qualitativa de pesquisa através da escuta a casos singulares, encontramos visões e desejos que fogem a modelos prescritivos. Os interlocutores deste trabalho em diferentes momentos mostraram-se cientes do impasse experimentado ao escolherem uma escola no atual modelo do ensino médio profissionalizante. Impasse revelado por diversas vezes em suas falas ao referirem-se à conciliação entre o tempo de Estágio e a preparação para o ENEM e/ ou entre o mercado de trabalho e a faculdade. Ainda assim, existe uma crença subjetiva de mobilidade social se comparada às posições sociais ocupadas por seus pais. Essa crença é alimentada pelo investimento simbólico diário em seus percursos urbanos entre a casa e a escola.

Os jovens ouvidos nesta pesquisa demonstraram que, para eles, frequentar uma escola de ensino profissionalizante é uma “oportunidade” a mais em relação aos jovens estudantes do ensino médio regular, haja vista agregar as disciplinas curriculares de base

científica, um conhecimento também técnico, o que amplia, para eles, suas chances de inserção profissional. Além de ser uma forma de “encaminhar mais o futuro”, ajudando na definição de uma profissão de nível superior.

Na ótica dos jovens entrevistados é um fator positivo o conhecimento de uma profissão pela via prática do trabalho, experimentado a partir do estágio nas empresas, antes mesmo da formação teórica obtida na universidade, sendo inclusive um processo de construção de uma identidade profissional. Isso porque a identificação com uma profissão de nível superior para os jovens das classes populares é permeada por incertezas e dilemas, diria ainda, por ausência de referenciais, repercutindo na decisão do que fazer após a conclusão do ensino médio.

Diante disso, há uma maior expectativa com relação à educação formal como condição para a mobilidade social, ao mesmo tempo em que o poder da escola como instituição se torna relativo. Nossa sociedade contemporânea é permeada por transformações no campo da cultura e das mídias. Dentro desse contexto, a escola e outras instituições encarregadas da socialização dos indivíduos são afetadas, perdendo o monopólio como agenciadoras de valores e orientações para as novas gerações (LEÃO, 2014). Isso se reflete no que alguns autores denominam “desinstitucionalização do social” (Dubet, 2007; Abad, 2003), experimentada a partir de um processo de mutação das agências tradicionais de socialização dos indivíduos.

Compreendendo a(s) juventude(s) em sua pluralidade e diversidade, constato que suas trajetórias de escolarização e horizontes profissionais também são diversificadas, sendo seu sucesso ou fracasso condicionado, em grande parte, por seus campos de possibilidades, que podem se ampliar com a efetivação de políticas públicas de Estado, sobretudo as chamadas políticas de transição.

Essas políticas podem ser definidas, da forma que ressalta Walther (2004), como um conjunto de ações orientadas a facilitar a transição dos jovens do mundo educativo para o mundo do trabalho, sendo estas políticas educativas e de formação, políticas de inserção no mercado de trabalho e políticas de bem-estar social (WALTHER, 2004, p. 134). Diria que a política do ensino médio profissionalizante, instituída no contexto cearense em 2008, se insere nestas políticas de transição, uma vez que tenta integrar o jovem a vida adulta, sobretudo, por meio de uma atividade laboral.

Cabe dizer que o atual contexto político de reformas do ensino médio brasileiro tende a encontrar ressonância neste modelo de ensino, especificamente no que se refere à preparação de jovens em escolas de tempo integral, e de questões relacionadas, por exemplo, a escolha por “itinerários formativos.”

As considerações postas neste artigo acerca da relação entre juventude, escola e projetos de futuro, não se encerram com a conclusão desta pesquisa. Esta visa abrir caminhos para novas leituras e problematizações relativas à relação das juventudes com a escola de ensino médio na atualidade.

## REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. *Crítica política das políticas de juventude*. In: FREITAS, Maria Virgínia, PAPA, Fernanda de Carvalho (org.). *Políticas públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez; Ação Educativa; Fundação Friedrich Ebert, 2003.

CAVALIERE, Ana Maria. *Tempo de escola e qualidade na educação pública*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1015-1035, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1828100>. Acesso: 02/07/2016.

CARDOSO, Ruth. *Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método*. In: CARDOSO, Ruth. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DAYRELL, Juarez. *O ensino médio no Brasil e seus desafios: o que dizem os jovens sobre os processos de exclusão escolar*. In: *Linguagens, Educação e Sociedade*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI/Universidade Federal do Piauí/Centro de Ciências da Educação, ano 18, Edição Especial Dossiê Educação e Juventudes, 2013.

DUBET, François *El declive e las mutaciones de la institución*. *Revista de Antropología Social*, 2007, nº 16. Pág. 39 a 66. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/viewFile/RASO0707110039A/9122> Acesso: 30/07/2014.

HAGUETTE, André, PESSOA, Márcio Kleber Moraes. *Dez escolas, dois padrões de qualidade: uma pesquisa em dez escolas públicas de Ensino Médio do Estado do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015.

KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *O fator social*. Entrevista com Bernard Lahire (2012). Disponível em:  
<http://www.controversia.com.br/index.php?act=textos&id=13399>. Acesso: 19.04.2014.

LARANJEIRA, Denise Helena Pereira, IRIART, Mirela Figueiredo Santos, et al. *Problematizando as transições juvenis na saída do ensino médio*. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 117-133, jan./mar. 2016. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362016000100117&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362016000100117&lng=pt&nrm=iso&tlng=en) . Acesso: 23/02/2016.

LEÃO, Geraldo. *Entre a escola desejada e a escola real: os jovens e o ensino médio*. In: CARRANO, Paulo, FÁVERO, Osmar. *Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

WALTHER, Andreas. *Dilemas de las políticas de transición: discrepancias entre las perspectivas de los jóvenes y de las instituciones*. In: *Estudios de Juventud*, nº 65/04.

WELLER, Wivian. *Narrativas biográficas de jovens: o que seus destinos revelam?* In: CARRANO, Paulo, FÁVERO, Osmar. *Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.